

A cadeia coureiro-calçadista no Brasil e no Rio Grande do Sul: desempenho e impactos da crise*

Silvia Horst Campos**

Economista da FEE e Professora da FACE-PUCRS

A crise financeira iniciada nos Estados Unidos tornou-se rapidamente uma crise global, com a ocorrência de recessão nos países industrializados e queda nos seus níveis de demanda. A generalização da restrição de crédito, aliada ao encolhimento da demanda, afetou os fluxos de comércio e acabou trazendo dificuldades expressivas também para os países menos industrializados.

Os impactos da crise sobre a atividade industrial no Brasil foram variados, tendo sido mais fortes em setores e empresas onde o crédito ou investimento são essenciais, tais como siderurgia, fabricação de máquinas e equipamentos e de veículos automotores (Lamucci; Bueno; Jurgenfeld, 2009). No caso específico da indústria automotiva, o impacto foi amenizado pela diminuição do Imposto sobre Produtos Industrializados em dezembro de 2008 e pela ampliação de crédito, que garantiram elevados níveis de comercialização de veículos novos, o que também se refletiu nos indicadores de produção do primeiro bimestre de 2009. Nos segmentos cuja demanda está ligada à renda da população, como calçadista e têxteis, após forte queda no último trimestre de 2008, já se sentia, em março, uma recuperação nas encomendas no mercado interno, embora a demanda mundial por seus produtos continue em queda. Como expressa Neri (2009, p. A13), “[...] há marcada dicotomia das trajetórias de crescimento entre os segmentos mais ou menos conectados com o mundo globalizado, dos mais ou menos formalizados e daqueles com maior ou menor renda”.

No final de 2008, várias atividades industriais fecharam o ano com taxas de crescimento negativas ou, se positivas, muito aquém das previsões e dos resultados acumulados até o mês de setembro. O último trimestre do ano foi dramático para a indústria, que recorreu a vários

artifícios, como diminuição da jornada de trabalho, férias coletivas, parcelamentos, descontos e, inclusive, demissões, na busca de ajustar a produção à demanda em queda. Essa situação se fez presente tanto na indústria brasileira como na gaúcha. Embora os indicadores tenham apontado resultados positivos em ambos os casos — no Brasil, 3,10%, e no Rio Grande do Sul, 2,35% —, cabe salientar-se que quase 50% dos ramos pesquisados registraram decréscimo na produção.

Os resultados do primeiro bimestre de 2009 foram muito mais preocupantes. No indicador acumulado jan.-fev., quando comparado com igual período de 2008, apenas bebidas, farmacêutica e outros equipamentos de transporte apresentaram crescimento na indústria brasileira. A taxa global foi de -17,21%. No caso do Rio Grande do Sul, o decréscimo foi ainda maior, -20,58%. Obtiveram resultados positivos as atividades bebidas, edição, impressão e reprodução de gravações e refino de petróleo e álcool, atividades estas pouco representativas no Valor da Transformação Industrial do Estado.

Todas as indústrias que formam a cadeia coureiro-calçadista no Brasil e no Rio Grande do Sul foram afetadas pela crise financeira internacional, com intensidades variadas, haja vista sua maior ou menor inserção no mercado globalizado. Calçados e couro foi uma das atividades industriais que mais recuaram no final de 2008 e no início de 2009. O objetivo do presente artigo é analisar esses impactos no desempenho recente e nas perspectivas para 2009, com ênfase nos segmentos produtores de couro, calçados e componentes, que representam as principais indústrias da cadeia coureiro-calçadista. O artigo está estruturado em três partes além desta introdução e das **Considerações finais**. Inicialmente, será examinada a evolução da produção e do emprego nos diversos segmentos da cadeia produtiva, no período 2004-08, destacando-se a importância da inovação. A segunda parte analisa o comportamento das exportações e das importações. A última parte aborda o desempenho desses segmentos no primeiro trimestre de 2009, no contexto da crise econômico-financeira internacional.

* Texto recebido em 04 maio 2009.

** E-mail: campos@fee.tche.br

A autora agradece às colegas Clarisse C. Castilhos e Maria Lucrécia Calandro pelas críticas e sugestões. Erros e omissões remanescentes são de responsabilidade da autora.

Produção, emprego e mercado interno

A cadeia coureiro-calçadista é estratégica para o Brasil, tanto em termos da produção e do mercado interno como do comércio externo e da geração de empregos. Possui um PIB setorial de R\$ 50 bilhões, com um mercado interno que movimenta cerca de R\$ 35 bilhões em vendas de calçados, couros, artefatos¹ e componentes, tendo exportado US\$ 5 bilhões em 2008 (Couromoda..., 2009). Reúne mais de 15.000 empresas e absorve em torno de 700.000 trabalhadores, 300.000 apenas na fabricação de calçados.

O Brasil é um dos maiores produtores e exportadores de couro e calçados no mundo, com um expressivo mercado interno que absorve 75% da produção nacional de 808 milhões de pares, a qual se desenvolve em diversos pólos produtores regionais, com diferentes condições econômicas, históricas e culturais. O consumo *per capita* no Brasil é pouco superior a três pares/ano, deixando um espaço enorme para o crescimento dessa indústria no País, se o objetivo for alcançar os seis pares/ano dos países desenvolvidos (Abicalçados, 2009).

A produção física de calçados e artigos de couro em nível nacional, conforme informação do IBGE, vem apresentando uma trajetória declinante há vários anos, havendo atingido níveis preocupantes a partir de 2005, quando a valorização do real, juntamente com o acirramento da concorrência internacional, notadamente com os calçados chineses, impingiram severas perdas de mercados ao produto nacional. Cabe ressaltar, também, a influência negativa da crescente entrada de produtos importados que concorrem diretamente com o calçado brasileiro no mercado doméstico.

Com base no Gráfico 1, contudo, pode-se observar que a contração da produção na indústria gaúcha de calçados e artigos de couro foi maior do que na sua congênere nacional. Além disso, em termos espaciais, verifica-se que estados como o Ceará e o Rio Grande do Sul têm apresentado uma evolução divergente

O fato de produzir preponderantemente calçados femininos de couro com qualidade reconhecida — em grande parte, comercializados no mercado internacional — deixa essa indústria mais sensível às flutuações da taxa cambial. A diminuição do patamar produtivo decorrente da redução no volume de pares embarcados foi, contudo, parcialmente compensada pela agregação

de valor que resultou na fabricação de um calçado mais sofisticado, comercializado no mercado internacional com um preço médio mais elevado, que propiciou ganhos no valor das vendas externas. Em outros estados brasileiros, como o Ceará, é expressiva a parcela da produção destinada ao mercado interno, mas as exportações em pares vem crescendo significativamente, a ponto de esse estado ser o maior exportador brasileiro em volume de pares embarcados na atualidade.

Conforme dados da RAIS-MTE para 2007, apresentados na Tabela 1, a indústria de couros é constituída por 834 curtumes e 2.757 empresas fabricantes de artigos de couro, de vários portes e diferentes níveis tecnológicos, com predominância de micro e pequenas unidades. Na indústria de calçados, por sua vez, o número de fabricantes é muito maior (9.031 empresas), 79% atuando na fabricação de calçados de couro. O Rio Grande do Sul é o principal estado produtor, respondendo por um terço dos estabelecimentos formalmente constituídos.

A representatividade da mão de obra ocupada é igualmente elevada, uma vez que empregava 380,9 mil trabalhadores formais em 2007. O maior contingente estava empregado na atividade de fabricação de calçados de couro (209,7 mil trabalhadores equivalendo a 55% do total), evidenciando a importância desse tipo de calçado na produção da indústria calçadista e dentro da cadeia produtiva como um todo.

Em termos espaciais, os dados da Tabela 1 permitem identificar uma forte concentração regional, pois cinco estados — Ceará, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Bahia — respondem por 82,5% do total de estabelecimentos formalmente constituídos e por 85,2% do total de empregos formais existentes em 2007. São Paulo e Rio Grande do Sul são os principais, com 61,4% dos estabelecimentos e 54,1% dos empregados, mas Ceará e Bahia vêm conquistando espaço.

As diferenças entre os estados também podem ser identificadas em termos do tamanho médio dos estabelecimentos. No Ceará e na Bahia predominam grandes empresas com respectivamente 150 e 100 empregados, em média. Nos demais estados e no total do Brasil, os dados mostram o predomínio de unidades de menor porte, entre 16 e 33 empregados, em média. As discrepâncias entre os estados são maiores no âmbito da fabricação de calçados. Na comparação entre Rio Grande do Sul e São Paulo, os maiores estados produtores, observa-se que o tamanho médio dos estabelecimentos é maior no estado gaúcho, pela presença forte de empresas de médio porte.

¹ Bolsas, cintos, pastas, mochilas, valises, malas, etc.

Cabe ressaltar-se, contudo, que, no ano de 2008, os impactos da crise financeira internacional contribuíram para um encolhimento de 16,4 mil empregos nas indústrias dessa cadeia produtiva, conforme informações disponibilizadas pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED) do Ministério do Trabalho e Emprego. Só no Rio Grande do Sul, foram 7,5 mil postos de trabalho fechados. Dos estados selecionados, apenas a Bahia apresentou crescimento no nível de emprego nesse ano. O Gráfico 2 traz a evolução do número de empregados formais das indústrias de couro e de calçados de 2004 a 2008 nos principais estados produtores.

O maior destaque é para o Rio Grande do Sul, que, nesse período, perdeu 25% dos postos de trabalho na indústria calçadista e 30% na de couro, o que significou um encolhimento do emprego nessas indústrias no Estado.² Os empregos no Ceará, em Minas Gerais e na Bahia oscilaram pouco nesse período, mas São Paulo também apresentou decréscimos significativos.

Ainda com base no Gráfico 2, é possível observar-se uma queda maior na mão de obra ocupada na indústria coureira, em 2008, nos principais estados produtores. Ocorre que a diminuição da demanda mundial de couros para estofamento provocou uma diminuição do seu preço no mercado interno e, em decorrência, uma retração da produção doméstica. No Rio Grande do Sul, houve inclusive uma diminuição de 5% no número de estabelecimentos vinculados a essa atividade.

A indústria de componentes para couros, calçados e artefatos brasileira, por sua vez, é formada por 2.399 empresas de diferentes ramos da produção industrial, sendo 45% delas localizadas no Rio Grande do Sul e 39% em São Paulo, conforme dados da Associação Brasileira de Empresas de Componentes para Couros, Calçados e Artefatos (Assintecal) referentes a 2008.³ As

unidades produtivas são preponderantemente de micro (63%) e pequeno (28%) portes. Em 2002, empregavam 61.882 trabalhadores (Puffal; Tondolo, 2008). Trata-se de um setor em expressiva expansão, pois o número de empresas cresceu 65,8% entre 2004 e 2008.

O couro foi, durante muito tempo, a principal matéria-prima utilizada na fabricação de calçados. Na década de 80, cerca de 70% da produção de couros brasileira era destinada para a indústria calçadista, uma situação que vem alterando-se de modo substancial nos últimos 10 anos. Hoje, estimativa do Centro das Indústrias de Curtume do Brasil (CICB) aponta que apenas 25% do couro são utilizados pelos calçadistas, sendo o restante direcionado para a indústria automobilística e moveleira (60%), artefatos, vestuário e outros produtos (15%) (Correa; Rosa, 2007). Depois de atender à demanda da indústria calçadista e da exportação direta de couros, ainda sobram 3 a 4 milhões de couros sem comercialização garantida, considerando um abate de 44 milhões de cabeças de gado anuais.

Foi o desenvolvimento da indústria petroquímica que acelerou a substituição do couro por materiais sintéticos na fabricação do calçado. Mais leve, versátil e barata, essa matéria-prima conquistou espaço, em termos internacionais, a partir da década de 70. Ultimamente, a produção ganhou novo impulso com a grande disseminação do calçado esportivo, como o tênis, aliando *design* a conforto e utilidade (Abicalçados, 2009).

Ambas as indústrias (couro e calçados) vêm atuando no sentido de agregar valor ao produto final. No caso dos curtumes, a agregação de valor acontece na fase de acabamento do couro, depois de ultrapassados os estágios *wet blue* e *crust*.⁴ Nos calçados, são os investimentos em qualidade e desenvolvimento de produto, estilo e *design*, aliados à contínua busca de redução de custos, que têm permitido criar um diferencial competitivo para a indústria nacional.

² Uma comparação com a evolução do número de estabelecimentos no Rio Grande do Sul, contudo, mostra que este apresentou comportamentos divergentes, com base em informações coletadas e divulgadas pela RAIS. Ao mesmo tempo em que o número de empresas calçadistas cresceu em 1,0%, o número de estabelecimentos na indústria coureira declinou 5,0%, demonstrando um forte aumento de produtividade associado a maiores investimentos em tecnologia e inovação poupadoras de mão de obra.

³ Em virtude da grande variedade de produtos produzidos por essa indústria, a Assintecal agrupa as empresas em quatro segmentos principais, que são: (a) componentes estruturais dos calçados (palmilhas de montagem e suas partes, complementos para solados, solas, saltos e tacos: complementos e componentes para cabedal, tais como biqueiras, couraças e contrafortes); (b) componentes funcionais (produtos químicos

para calçados e para couros, tais como adesivos, ceras, tintas e vernizes); (c) componentes de suporte (escovas, formas e navalhas, ferramentaria, embalagens e materiais auxiliares de processo); (d) insumos metálicos e químicos, outros insumos (Lorenzon, 2007).

⁴ O couro *wet blue* corresponde à primeira etapa do curtimento, quando a peça recebe um banho de cromo, que lhe confere um tom azulado e molhado. O *crust* é o couro semiacabado e utiliza o *wet blue* como matéria-prima. O couro acabado corresponde à última etapa da transformação das peles em couros, com maior agregação de valor, emprega grandes contingentes de mão de obra e tem aplicação direta nas indústrias de calçados, vestuário, moveleira e automotiva (Campos, 2006).

Os demais segmentos produtivos da cadeia coureiro-calçadista também têm apostado na inovação. Nos últimos anos, as empresas do segmento de componentes para couro, calçados e artefatos intensificaram suas ações voltadas à inovação, ao *design* e à sustentabilidade, buscando soluções criativas como forma de se diferenciar no mercado, agregando valor (qualidade e tecnologia) aos seus produtos. A importância da inovação tecnológica nesse segmento tem sido ressaltada na literatura, com destaque para as empresas da indústria química, da produção de polímeros, plásticos e borrachas e metalúrgicas. Cabe ressaltar-se aqui o duplo papel desempenhado por essa indústria nos últimos anos: ao mesmo tempo em que abastece os fabricantes de calçados com os acessórios e componentes necessários para a produção dos vários modelos e linhas de produtos desenvolvidos pelos *designers*, a indústria de componentes também investe em desenvolvimento de produto e de processo, transferindo inovação para a indústria calçadista.

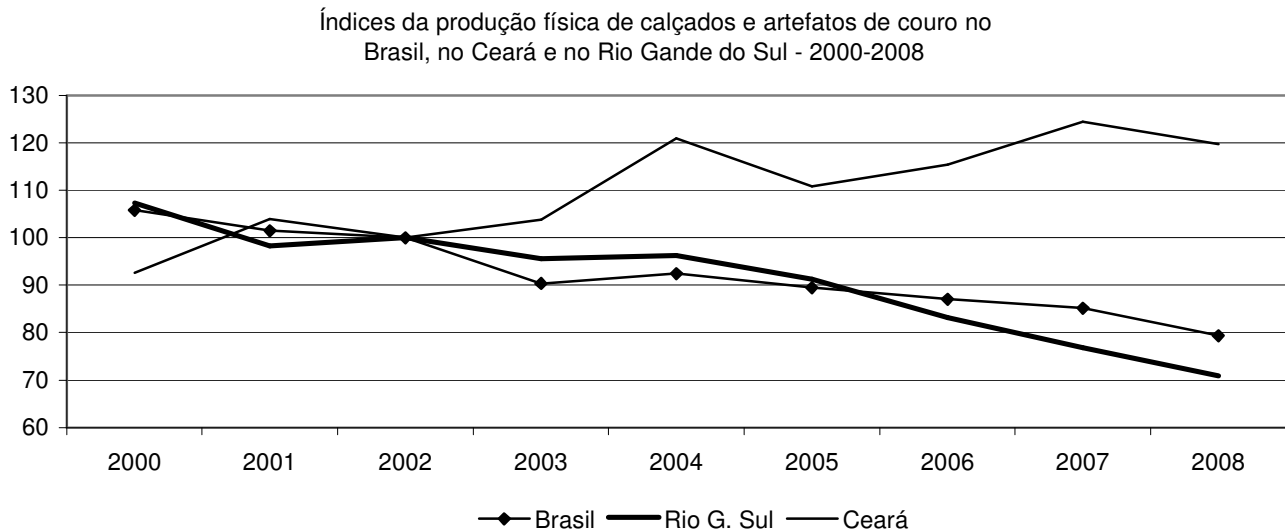
De um modo geral, o segmento vem respondendo positivamente ao desafio de acompanhar o desenvolvimento tecnológico internacional, demonstrando capacidade inovadora e agilidade diante das mudanças nos processos industriais, decorrentes de novas matérias-primas e de tendências ligadas à moda. Tem-se, por exemplo, o desenvolvimento de várias tecnologias de aplicação na indústria de curtimento, especialmente na fase de acabamento, e, também, de materiais alternativos ao couro, como é o caso dos solados (Humann, 2004). Na atualidade, predomina a exploração de novos materiais para o desenvolvimento de produtos que tenham apelo ecológico e de conforto. Nesse sentido, uma gama enorme de produtos naturais (sementes, fibras naturais, etc.) vem sendo incorporada ao produto final, construindo a imagem de um produto original, vinculado ao local. Os bons resultados da participação em importantes feiras internacionais tem comprovado a eficácia “[...] de um trabalho que alia inovação e *design* à sustentabilidade ecológica” (Referências..., 2009).

Em suma, existe um relativo consenso no âmbito das indústrias calçadista e de componentes de que a preservação e o fortalecimento da sua competitividade internacional frente à concorrência chinesa exigirão cada vez mais investimentos em inovação em busca de estilo e *design* próprios, capazes de conferir um potencial diferenciador ao produto nacional. Trata-se, assim, de “[...] apresentar pesados investimentos em materiais diferenciados que não possam ser produzidos pelos chineses, e empregar a criatividade quanto a matérias-primas alternativas, soluções para uso no sentido de

conforto, beleza e qualidade do produto nacional” (Milani, 2008).

Completando a análise dos principais segmentos da cadeia coureiro-calçadista, destaca-se a fabricação de máquinas e equipamentos para curtimento e acabamento de couros e fabricação de calçados. No Brasil, principalmente em São Paulo e no Rio Grande do Sul, a produção de calçados organiza-se na forma de *clusters* bem-estruturados, e a fabricação de máquinas e equipamentos para a referida cadeia faz parte dos mesmos. Inicialmente produzindo apenas para o mercado interno, predominantemente em micro e pequenas empresas, esse segmento também tem conseguido colocar uma parte de sua produção no mercado externo, através da presença crescente nas feiras internacionais. As máquinas são de diversos tipos, especializando-se em determinadas etapas do processo de produção, de sorte que há grupos de empresas especializadas na produção de determinadas famílias de máquinas. Além disso, existe um elevado nível de diversificação dos produtos, o que se reflete no baixo aproveitamento de economias de escala (Ruffoni, 2004).

Gráfico 1



FONTE: PRODUÇÃO FÍSICA INDUSTRIAL: número-Índice. Rio de Janeiro: IBGE, 2000/2008. Disponível em: <[http://sidra,ibge.gov.br](http://sidra.ibge.gov.br)>. Acesso em: 13 mar. 2009.
NOTA: Médias anuais dos índices mensais de base fixa sem ajuste sazonal (2002 = 100).

Tabela 1

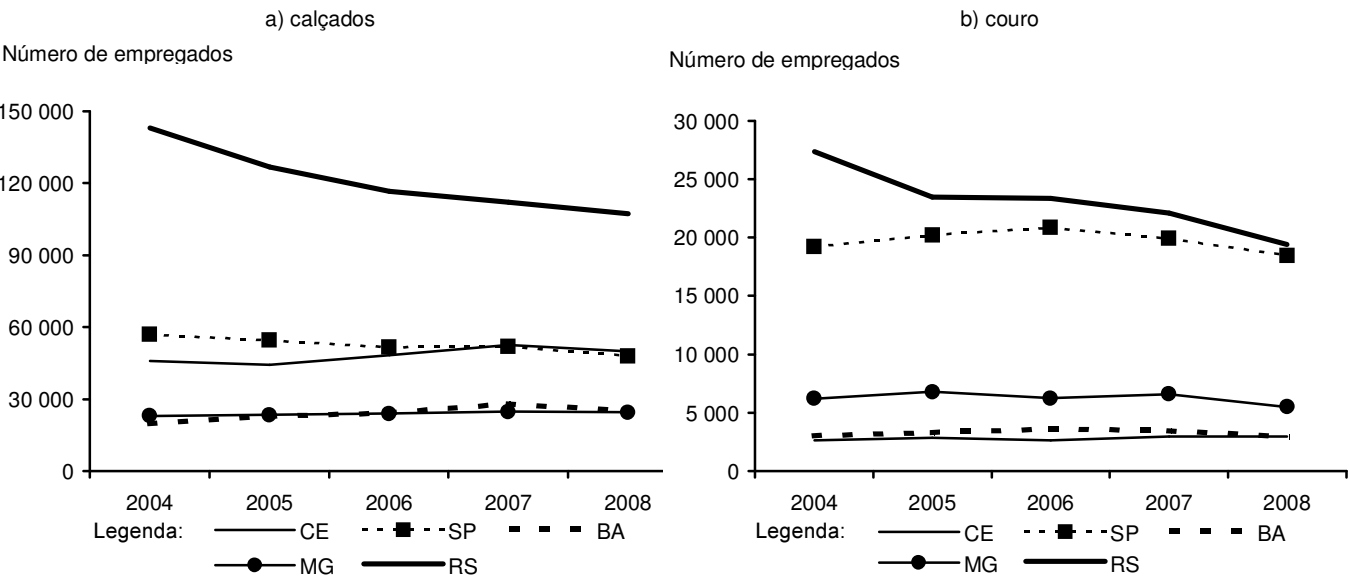
Número de estabelecimentos e de empregados formais das indústrias de couro e de calçados nos principais estados produtores do Brasil — 2007

DISCRIMINAÇÃO	CEARÁ	SÃO PAULO	RIO GRANDE DO SUL	MINAS GERAIS	BAHIA	BRASIL
Número de estabelecimentos						
Fabricação de calçados de couro	138	2 397	2 970	588	77	7 013
Fabricação de tênis de qualquer material, de calçados de plástico e de outros materiais.....	121	384	253	966	39	2 018
Curtimento e outras preparações em couro	23	190	229	83	26	834
Fabricação de malas, de valises e de outros artefatos de couro	86	696	637	358	158	2 757
Subtotal	368	3 667	4 089	1 995	300	12 622
Número de empregados						
Fabricação de calçados de couro	26 723	34 557	95 514	9 939	26 352	209 679
Fabricação de tênis de qualquer material, de calçados de plástico e de outros materiais	26 023	17 498	16 452	14 831	1 782	93 213
Curtimento e outras preparações em couro	2 123	10 163	15 681	3 131	1 400	46 001
Fabricação de malas, de valises e de outros artefatos de couro	833	9 739	6 421	3 459	2 059	32 000
Subtotal	55 702	71 957	134 068	31 360	31 593	380 893

FONTE: RELAÇÃO DE INFORMAÇÕES SOCIAIS — RAIS 2007. Brasília: Ministério do trabalho e Emprego.

Gráfico 2

Número de empregados formais na indústria de calçados e de couros em estados selecionados do Brasil — 2004-08



FONTE: RELAÇÃO ANUAL DE INFORMAÇÕES — RAIS 2004-2007. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego. CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS e DESLIGADOS — CAGED. 2008. Brasília: Ministério do Trabalho e Emprego. Disponível em: <<http://www.caged.gov.br/indexhtml>>. Acesso em: mar. 2009.

Exportações e importações

O parque industrial calçadista brasileiro compõe-se de empresas de todos os portes. Até meados dos anos 90, a exportação era realizada principalmente pelas unidades maiores, porém, facilitada pela diminuição do tamanho dos pedidos, ela também passou a ser realizada por empresas menores, que passaram a ter maior visibilidade ao participar em feiras do setor com o apoio de entidades como o Sebrae e a Apex-Brasil.

O Brasil é atualmente o terceiro maior produtor e o quinto maior exportador e consumidor mundial de calçados. A China domina a produção e a exportação, com participações que ultrapassam os 60%. O Brasil também ocupa uma posição de liderança na produção e na exportação de couros, possuindo o maior rebanho de bovinos comercializável do mundo, superior a 200 milhões de cabeças, mas parte significativa da oferta de couros brasileiros ainda é comercializada nos estágios iniciais de beneficiamento (salgados e *wet blue*). Itália é o maior ofertante de couros acabados no mercado internacional.

O comportamento das exportações e das importações dos principais segmentos da cadeia coureiro-calçadista, em termos de valor, mostra tendências

bastante distintas. De modo geral, as exportações cresceram entre 2005 e 2007 e recuaram em 2008; já as importações praticamente aumentaram durante todo o período. Cabe destacar-se, contudo, que o saldo da balança comercial dessa cadeia continua positivo, embora tenha diminuído ao longo do período considerado (Tabela 2).

Quanto às exportações, as de couros e peles evoluíram de modo mais favorável do que as de calçados, confirmando a maior sensibilidade destas últimas à taxa cambial (Milani, 2008). De fato, a valorização do real comprometeu parcialmente a competitividade do calçado nacional, que ainda conseguiu resultados positivos em razão dos fortes investimentos em *design* e estilo, que agregaram valor ao produto nacional e possibilitaram a sua comercialização em faixas de preço médio mais elevado. O segmento couros e peles trilhou uma trajetória expansiva de 2005 a 2007 (56%), período em que a indústria automobilística mundial se encontrava em forte expansão. Além dela, também o crescimento do setor imobiliário norte-americano favoreceu as vendas externas de couro brasileiro, cada vez mais direcionadas para essas duas indústrias, só recuando em 2008. O desempenho mais favorável foi o do segmento produtor

de componentes para couro, calçados e artefatos, que cresceu continuamente no período. Apenas os fabricantes de máquinas e equipamentos para couros e calçados, aqui representados basicamente por maquinário para calçados, perderam receitas externas ao longo dos quatro anos. Conforme a Associação Brasileira das Indústrias de Máquinas e Equipamentos para os Setores do Couro, Calçados e Afins (Abrameq), além do câmbio desfavorável para exportação, o Brasil teve que disputar mercado (principalmente, México e Argentina) com a China, que começou a fabricar essas máquinas.

A diversificação de mercados, em termos tanto espaciais como de segmentos específicos, tem sido buscada continuamente pelos fabricantes de couros e calçados. No caso dos couros, o maior direcionamento para as indústrias automotiva e de mobiliário implicou pesados investimentos em tecnologia e qualidade, inclusive com a instalação de novas plantas de acabamento de couros (Campos, 2006). Evidentemente, a indústria calçadista também se beneficiou das inovações em termos de tratamento final dos couros, provenientes, principalmente, de desenvolvimentos da indústria química. Quanto aos calçados, a maior inserção em mercados de poder aquisitivo mais elevado foi viabilizada, por um lado, pelos fortes investimentos em estilo, *design* e moda e pela busca de novos segmentos de mercado, tais como o da linha conforto associada à moda, e, por outro, pela adoção de novas formas de comercialização, que incluem o fortalecimento e a consolidação da marca própria (Campos; Calandro, 2008).

As importações, como já foi mencionado, foram marcadas por taxas de crescimento fortemente positivas entre 2005 e 2008, com exceção de couros e peles e máquinas e equipamentos. Artefatos de couro e peleteria e calçados apresentaram as maiores taxas (respectivamente, 213,4% e 166,2%). A importação de componentes para couros, calçados e artefatos também merece destaque, pois o montante das compras externas desse segmento ultrapassa a soma dos demais. A origem é relativamente diversificada, com participação expressiva de Estados Unidos, Alemanha, Itália e China. Embora contribua para a diminuição do custo de produção do calçado, o crescimento acelerado das importações de componentes é considerado nocivo para o desenvolvimento da indústria local, uma vez que diminui a competitividade de micro e pequenas empresas que atuam no setor.

O incremento das importações de calçados é particularmente preocupante, pois se centra em calçados de preço médio mais baixo, que concorrem diretamente com o produto brasileiro no mercado doméstico. Destaca-

-se a procedência chinesa, que, juntamente com a de Hong Kong, representa 95% do volume de pares importado e cerca de 90% do valor.

A análise da evolução das exportações brasileiras de calçados mostra o comportamento diferenciado dos principais estados produtores, em termos das vendas externas, em número de pares e de valor. Por exemplo, entre 2004 e 2008, as exportações de calçados do Brasil aumentaram 3,7%, enquanto o volume de pares declinou 22,0%. Contribuíram positivamente para esses resultados os estados da Região Nordeste, onde o parque industrial calçadista cresce a taxas expressivas, em decorrência do forte movimento de realocização da produção que iniciou na segunda metade da década de 90 e se manteve durante a presente década. Em conjunto, Bahia, Ceará e Paraíba aumentaram sua participação no total exportado, em valor, em 11,8 pontos percentuais, passando de 15,1% em 2004 a 26,9% em 2008, e suas exportações cresceram 84,5% nesse mesmo período.

A mudança na estrutura das exportações, em termos dos estados exportadores, é ainda mais visível quando se considera o volume de pares embarcados, indicando que as perdas menores em valor se devem à elevação do preço médio do calçado exportado pelo Rio Grande do Sul e por São Paulo, em razão da maior agregação de valor. A participação dos três estados da Região Nordeste no volume de calçados exportado aumentou de 27,8% para 54,2% entre 2004 e 2008, um aumento de 27 pontos percentuais.

Tabela 2

Exportações e importações da cadeia coureiro-calçadista, segundo os principais segmentos, no Brasil — 2005-08

SEGMENTOS	EXPORTAÇÃO				IMPORTAÇÃO			
	2005	2006	2007	2008	2005	2006	2007	2008
	(US\$ milhões)							
Couros e peles	1 401,1	1 878,4	2 193,9	1 880,2	128,8	144,2	158,1	149,4
Artefatos de couro e peleteria	159,6	162,1	159,3	159,0	88,7	133,4	179,0	278,0
Calçados (exceto partes)	1 891,6	1 863,1	1 911,8	1 881,3	115,5	140,7	209,5	307,5
Máquinas e equipamentos para couro e calçados (1).....	6,2	6,1	5,5	5,2	11,8	13,8	16,2	22,8
Componentes para couro, calçados e artefatos	791,2	896,3	(2)950,0	(2)1 075,0	1 045,2	1 122,1	(2)1 491,0	(2)1 850,0
TOTAL	4 249,7	4 805,9	5 220,5	5 000,6	1 389,9	1 554,2	2 053,8	2 607,7

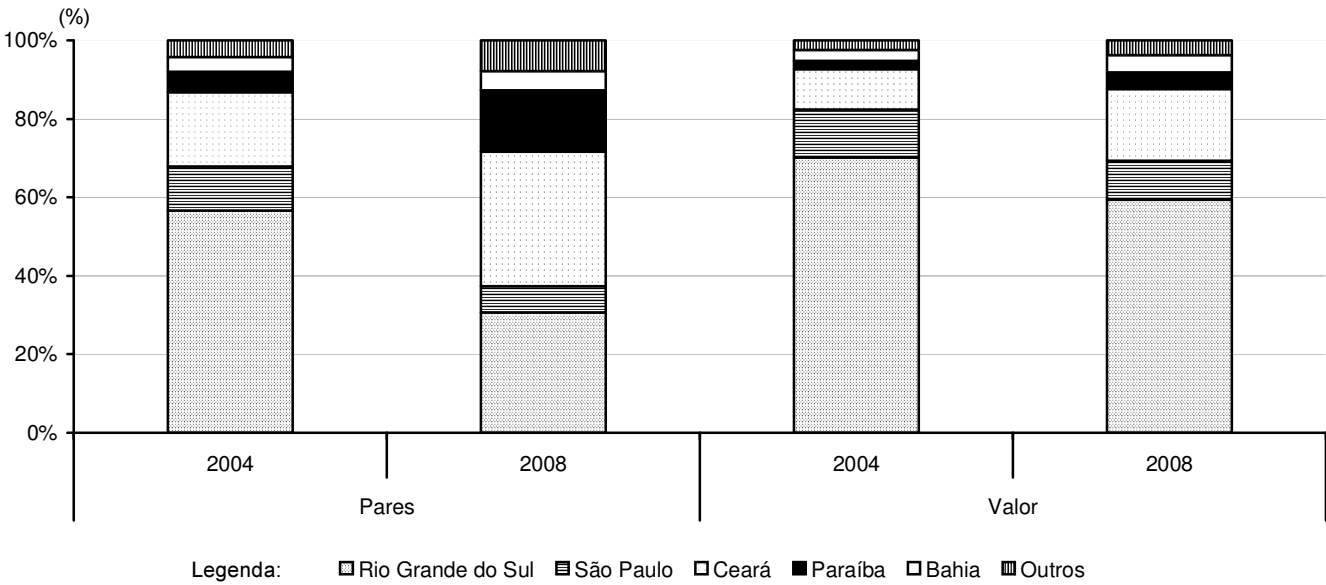
FONTE: MDIC/Secex/Aliceweb.

NOTA: Os dados foram coletados conforme a classificação da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM): couros e peles (capítulo 41); artefatos de couro e peleteria (capítulos 42 e 43); calçados, exceto partes (itens 6401.10.00 a 6405.90.00); máquinas e equipamentos para couros e calçados (itens 8453.10.10 a 8453.90.00); componentes para couros, calçados e artefatos (vários itens).

(1) Exclusive máquinas de costura. (2) Dados sujeitos à retificação.

Gráfico 3

Volume de pares e valor das exportações de calçados, segundo os principais estados produtores, no Brasil — 2004 e 2008



FONTE: MDIC/Secex/Aliceweb.

A cadeia coureiro-calçadista no primeiro trimestre de 2009

Os dados relativos aos primeiros meses de 2009 confirmam a continuidade da tendência de queda acentuada na produção de calçados e artigos de couro registrada a partir de outubro do ano passado. Conforme o IBGE, na comparação com o primeiro bimestre de 2008, essa atividade industrial decresceu 27,12% no Rio Grande do Sul, mais do que o total da indústria de transformação, que apresentou queda de 20,58% nesse mesmo período. A exemplo do que já foi observado no Gráfico 1, novamente, os resultados da indústria gaúcha foram piores que os da indústria nacional, cuja produção de calçados e artigos de couro decresceu 19,36%. O aprofundamento da redução da produção calçadista, além do corte de pedidos realizados por clientes externos, também reflete a queda das vendas no mercado interno. No último trimestre de 2008, os lojistas reagiram com redução no volume de compras à indústria e redução de seus estoques, face à escassez de crédito que se manifestou no setor financeiro brasileiro.

As exportações e as importações da cadeia coureiro-calçadista no primeiro trimestre de 2009 também seguiram a trajetória já presente no final de 2008. A maior parte dos segmentos registrou taxas de crescimento negativas nas exportações e positivas nas importações, embora o saldo da balança comercial da cadeia tenha continuado positivo. Dentre os segmentos, destacam-se as exportações de couros e peles e calçados de couro, com taxas marcadamente negativas em volume e valor (Tabelas 3 e 4).

As vendas externas de couro começaram a diminuir a partir do final de 2007, quando já se evidenciava uma queda significativa da demanda mundial por couro, em decorrência da crise imobiliária norte-americana, que afetou o mercado de estofamento de móveis e também reduziu o preço dessa *commodity* no mercado internacional. E essa situação sofreu um forte agravamento com a crise das montadoras norte-americanas, que se refletiu em acentuada queda na produção de veículos, interrompendo os fluxos de fornecimento de couro para fins automotivos. Vale lembrar que algumas montadoras, além da dispensa de mão de obra, cessaram a sua atividade produtiva, buscando ajustar os níveis de estoque e produção à demanda diminuída.

O primeiro trimestre de 2009 mostrou uma drástica diminuição das exportações de couro induzida por causas internas e externas. Por um lado, refletiu o declínio da demanda de couro nos principais países importadores: China com Hong Kong, Itália, Estados Unidos e Vietnã. Por outro, resultou das dificuldades encontradas pelos exportadores brasileiros na formalização dos adiantamentos de contratos de câmbio (ACCs) a partir de outubro de 2008 (Campos, 2009).

Quanto às importações de couros, peles e artigos de couro e de peleteria, as taxas de crescimento também foram marcadamente negativas, demonstrando a diminuição do nível de atividade da indústria coureira no País. Deve-se ressaltar, contudo, que se trata de volumes e valores bastante reduzidos, o que é condizente com a característica essencialmente exportadora dessa indústria no Brasil, especialmente no Rio Grande do Sul e em São Paulo.

No que se refere à indústria calçadista, as taxas de crescimento são negativas nas exportações e positivas nas importações. As vendas externas de calçados de maior valor agregado, principalmente de couro, confrontaram-se com uma demanda mundial reprimida pela crise financeira que varreu os mercados norte-americano e europeu, restringindo a disponibilidade de crédito para os importadores desses bens. Todos os principais países reduziram suas compras do Brasil no primeiro trimestre de 2009. Os Estados Unidos ainda mantêm a liderança, com cerca de 27% das exportações brasileiras, mas importaram 32,0% menos em termos de faturamento (-US\$ 46,8 milhões) e 33% menos em volume (-5,6 milhões de pares). O Reino Unido ocupa a segunda posição do *ranking*, e a Itália, a terceira, e juntos respondem por 20% do total exportado (Trimestre..., 2009). Já os calçados de menor preço, sintéticos ou de borracha, e com *design* inovador encontraram menos dificuldade para continuar colocando-se no mercado internacional, principalmente os com marca própria. Cabe ressaltar-se, também, a ofensiva chinesa de colocação de seus excedentes de calçados a preços muito reduzidos nos mercados que vêm sendo ocupados pelos exportadores brasileiros.

Dentre os cinco principais estados exportadores — Rio Grande do Sul, Ceará, São Paulo, Paraíba e Bahia —, apenas a Paraíba registrou desempenho positivo. Rio Grande do Sul e São Paulo foram os mais afetados, tendo apresentado taxas negativas superiores a 30%. A explicação para tais resultados deve ser buscada no tipo de calçado exportado e nos mercados para os quais se destinam primordialmente.

As importações, por sua vez, continuam crescendo significativamente: 45,6% em termos de valor e 15,6% em termos de volume. Os calçados procedem em sua grande maioria da Ásia, preponderantemente da China, grande produtora mundial de calçados sintéticos e com cabedal têxtil. Como pode ser observado na Tabela 4, as importações desse tipo de calçados são predominantes (75% do valor e 70% dos pares). As taxas de crescimento registradas no primeiro trimestre de 2009 preocupam a indústria nacional, pois o preço médio de comercialização desses calçados é bastante reduzido e tira mercado do produto nacional.⁵ Face à redução da demanda dos seus tradicionais compradores nos mercados norte-americano e europeu, os fabricantes chineses estão buscando escoar a sua produção para outros países, como os da América Latina, em especial para o Brasil (China..., 2009).

O desempenho desfavorável das exportações e das importações de componentes para a fabricação de couros, calçados e artefatos acompanha, via de regra, os movimentos das indústrias coureira e calçadista. Em termos das vendas externas, no primeiro trimestre de 2009, foram registrados decréscimos percentuais semelhantes aos da indústria calçadista. Já no que se refere às importações, as taxas também foram negativas, em concordância com as previsões de continuidade de queda de produção e exportação de calçados para os próximos meses.

O último segmento considerado, máquinas e equipamentos para a produção de couros, calçados e artigos de couro, por sua vez, também mostra um desempenho alinhado com a evolução recente do mercado mundial de couro e calçados.

Tabela 3

Exportações de cadeia coureiro-calçadista no Brasil — 1º trim./08 e 1º trim./09						
SEGMENTOS	1º TRIM/08		1º TRIM/09		VARIAÇÃO %	
	Volume (1 000kg)	Valor (US\$ 1 000)	Volume (1 000kg)	Valor (US\$ 1 000)	Volume (1 000kg)	Valor (US\$ 1 000)
Couros e peles	82 113	532 648	67 036	228 063	-18,4	-57,2
Artefatos de couro e peleteria	4 573	31 876	4 463	30 974	-2,4	-2,8
Calçados	(1)54 252	519 548	(1)40 772	384 633	(1)-24,8	-26,0
De couro	(1)18 548	360 791	(1)11 852	253 663	(1)-36,1	-29,7
Sintéticos	(1)31 577	119 177	(1)27 155	109 712	(1)-14,0	-7,9
Máquinas e equipamentos para couro e calçados	49	839	104	1 249	112,2	48,9
Componentes	...	278 970	...	185 794	...	-33,4
Partes de calçados	2 390	29 981	1 449	22 394	-39,4	-25,3
Total (2)	...	1 363 881	...	830 713	...	-38,1

FONTE: MDIC/Secex/Aliceweb.
(1) Em pares de calçados. (2) Somatório de couros e peles; artefatos de couro e peleteria; calçados; máquinas e equipamentos para couro e calçados; e componentes.

⁵ A magnitude dessa ofensiva chinesa foi considerada predatória pelos fabricantes de calçados em países como o Brasil, resultando numa investigação de *dumping* nas importações de calçados procedentes da China.

Tabela 4

Importações da cadeia coureiro-calçadista no Brasil — 1º trim./08 e 1º trim./09						
SEGMENTOS	1º TRIM/08		1º TRIM/09		VARIAÇÃO %	
	Volume (1 000kg)	Valor (US\$ 1 000)	Volume (1 000kg)	Valor (US\$ 1 000)	Volume (1 000kg)	Valor (US\$ 1 000)
Couros e peles	6 672	41 431	4 429	16 780	-33,6	-59,5
Artefatos de couro e peleteria	15 643	53 111	16 439	66 595	5,1	25,4
Calçados	(1)11 340	75 655	(1)3 107	109 933	(1) 5,6	45,3
De couro	(1) 1 160	20 455	(1)1 136	20 303	(1)-2,1	-0,7
Sintéticos	(1) 4 716	32 444	(1)6 382	57 355	(1) 5,3	76,8
Têxtil	(1) 3 446	19 080	(1)2 811	25 163	(1)-8,4	31,9
Máquinas e equipa- mentos para couro e calçados	549	6 392	190	2 847	-65,4	-55,5
Componentes	...	433 728	...	352 144	...	-18,8
Partes de calçados	327	4 065	353	3 642	8,0	-10,4
Total (2)	...	610 317	...	548 299	...	-10,2

FONTE: MDIC/Secex/Aliceweb.
(1) Em pares de calçados. (2) Somatório de couros e peles; artefatos de couro e peleteria; calçados; máquinas e equipamentos para couro e calçados; e componentes.

Considerações finais

Ao atingir o lado real da economia, crise financeira internacional deflagrada no segundo semestre de 2008 provocou uma forte redução no nível da atividade de vários segmentos industriais.

As indústrias da cadeia coureiro-calçadista brasileira foram bastante afetadas, principalmente por serem bastante dependentes do mercado externo, e o principal canal de contágio da crise financeira com o lado real da economia brasileira fez-se através das exportações. A dependência é particularmente elevada na indústria coureira, fortemente exportadora, para a qual a drástica redução da demanda mundial por couros para estofamento (mobiliário e automotivo) trouxe diminuição acentuada na produção e no faturamento.

O desempenho da indústria calçadista também foi negativo em termos tanto de produção quanto de vendas externas, especialmente no último trimestre de 2008 e no primeiro de 2009, causando perdas expressivas de postos de trabalho em praticamente todos os estados brasileiros. Os impactos foram mais sentidos no Rio Grande do Sul, que produz calçados com maior valor agregado e com forte direcionamento para o mercado externo.

No mercado interno, principal alvo das empresas da cadeia produtiva de calçados, o clima também é de apreensão. Nos últimos meses, tem aumentado muito o volume de importações de calçados que concorrem com as empresas nacionais no mercado doméstico. Na comparação de 2008 com 2007, esse crescimento já havia sido expressivo, tanto em valor (46,8%) quanto em volume (37,2%), uma tendência que continuou presente no primeiro trimestre de 2009, apesar da desvalorização da taxa cambial.

Os próximos meses deverão dar continuidade às tendências observadas desde o final de 2008. A queda observada nos patamares produtivos das indústrias da cadeia coureiro-calçadista não deverá reverter-se tão facilmente, haja vista a forte dependência da demanda mundial de couros, especialmente couros para estofados automotivos, e a produção e a comercialização do calçado asiático, notadamente o chinês.

Referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE CALÇADOS — ABICALÇADOS. **Resenha Estatística — 2008**. São Paulo, Abicalçados, 2009. Disponível em: <<http://www.abicalcados.com.br/documentos/>>. Acesso em: 13 mar. 2009.

CAMPOS, Silvia H. A indústria de couros no Brasil: desempenho superior ao da indústria calçadista em 2006. **Indicadores Econômicos FEE**, Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 37-46, 2006.

CAMPOS, Silvia H. Declínio acentuado nas exportações de couro no BR e RS. **Carta de Conjuntura FEE**, Porto Alegre, ano 18, n. 4, abr. 2009.

CAMPOS, Silvia H.; CALANDRO, Maria Lucrecia. Nova configuração do mercado internacional de calçados e os impactos sobre a indústria calçadista gaúcha. In: ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 4, Porto Alegre, 2008. **Anais...**, Porto Alegre, 2008. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/eventos/eeg/trabalhos/>>. Acesso em: 15 mar. 2009.

CHINA foca exportações em mercados emergentes. **Jornal do Comércio**, Porto Alegre, 6 abr. 2009. p. 11.

CORREA, Abidack R.; ROSA, Sérgio E. S. **A indústria de curtumes no Brasil**. BNDES — Gerência Setorial da Área Industrial, out. 2007. 4p. (Informe Setorial Área Industrial, n. 3). Disponível em: <<http://www.bndes.gov.br/conhecimento/setorial/>>. Acesso em: 12 fev. 2009.

COUROMODA mostra setor de couro-calçado competitivo; Comunidade da Moda. Disponível em: <<http://www.comunidademoda.com.br/>>. Acesso em: 14 fev. 2009.

HUMANN, Paulo V. Componentes — o setor que abastece as fábricas de calçados. In: COSTA, Achyles Barcellos; PASSOS, Maria Cristina. **A indústria calçadista no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Unisinos, 2004. p. 87-97.

LAMUCCI, Sergio; BUENO, Sergio; JURGENFELD, Vanessa. Indústria tem recuperação localizada. **Valor Econômico**, São Paulo, 6/7/8 mar. 2009, p. A3.

LORENZON, Emilena J. **O setor de componentes da cadeia coureiro-calçadista do Estado de São Paulo**. São Paulo, 2007 [mensagem pessoal]. Mensagem recebida em 27 ago. 2007.

MILANI, Gilberto Elói. **O setor calçadista e a crise**. Rio de Janeiro: FGV, 27 nov. 2008. Disponível em: <http://www.afic.com.br/noticias_detalhe.php?id=430>. Acesso em: 18 mar. 2009.

NERI, Marcelo. Aressaca de janeiro. **Valor Econômico**, São Paulo, 24 mar. 2009. p. A13.

PUFFAL, Daniel P.; TONDOLO, Vilmar A. G. Governança na cadeia de valor da indústria calçadista brasileira. In: ENCONTRO DAANPAD, 32. Rio de Janeiro, 2008. **Anais...**, 2008. Disponível em: <<http://www.anpad.org.br/>>. Acesso em: 30 mar. 2009.

REFERÊNCIAS brasileiras e *design* eco conquistam olhar europeu. Porto Alegre: Assintecal, 9 abr. 2009. Disponível em: <<http://ww3.assintecal.org.br/>>. Acesso em: 10 abr. 2009.

RUFFONI, Janaína. A indústria de máquinas para calçados e curtumes no Rio Grande do Sul. In: COSTA, Achyles B.; PASSOS, Maria Cristina. **A indústria calçadista no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: EdiUnisinos, 2004. p. 69-86.

TRIMESTRE aponta recuo de 25% nas exportações e aumento de 45,3% nas importações. Novo Hamburgo: Abicalçados, 14 abr. 2009. Disponível em: <<http://www.abicalcados.com.br/>>. Acesso em: 15 abr. 2009.